

**Artigo revisão**Mario Luiz C. Barroso¹Nivia Marcia Velho^{1,2}Alex Christiano Barreto Fensterseifer¹**A VIOLÊNCIA NO FUTEBOL:
REVISÃO SÓCIO-PSICOLÓGICA**VIOLENCE IN SOCCER:
A SOCIO-PSYCHOLOGICAL REVIEW**RESUMO**

A violência no Futebol é um assunto que vem preocupando profissionais da Educação Física, Psicologia, Sociologia, Direito e Imprensa há anos e, apesar dos esforços em minimizá-la, seu índice continua crescente. Este artigo de revisão tem como objetivo levantar seu histórico e origens em livros, revistas e *sites* das ciências supra-citadas sobre o assunto. A literatura revista aponta para a existência de duas grandes teorias psico-sociais para a violência no Futebol: uma, interna e psicológica, e outra, externa e sociológica. Assim sendo, propõe-se duas soluções para amenizar os incidentes agressivos em campo: uma interna, onde a comissão técnica trabalha a questão de forma interdisciplinar junto ao atleta, e outra externa, onde mudanças de regras fariam com que o jogador sempre atuasse como se estivesse sob o risco de receber o segundo cartão amarelo na mesma partida ou o terceiro acumulativo antes de um jogo importante.

Palavras-chave: violência, agressão, futebol, comportamento, psicologia.

ABSTRACT

Violence in Soccer has been worrying specialists in Physical Education, Psychology, Sociology, Law and Press for many years. Despite their best efforts to reduce it, violence continues to increase. The purpose of this review study is to verify what the above-mentioned sciences have to say about violence in soccer. The literature suggests that there are two big theories about this problem: an internal and psychological one, and an external and sociological one. Therefore, data analyses suggests a two way intervention in order to change the increasing aggressive behavior in Soccer: an internal action, consisting in an interdisciplinary task between coaching staff, psychologists and aggressive athletes; and an external action, involving important changes in Soccer rules to make athletes play as cautiously as if they were about to earn a second yellow card during that match or a third accumulative card before an important match.

Key words: violence, aggression, soccer, behavior, psychology.

¹ Universidade Federal de Santa Catarina – CDS/UFSC

²Núcleo de Pesquisa em Cineantropometria & Desempenho Humano – Nucidh/UFSC

INTRODUÇÃO

A violência no Futebol ocorre desde as categorias de base até a profissional, seja no alto rendimento, seja nas “peladas” que caracterizam o desporto participação.

O fato é que o Futebol profissional é a vitrine para todos os participantes nas demais categorias, e apenas a divulgação e/ou mudanças em suas regras não garantem que a coibição da violência se aplique a todos os participantes.

Enquanto o *International Football Association Board (IFAB)*, comitê responsável pela atualização das regras do Futebol junto a seu órgão máximo, a *Fédération Internationale de Football Association (FIFA)*, tentam solucionar a questão através da mudança de regras e incentivos como o *fair play* (jogo limpo), faz-se necessário que os profissionais ligados à modalidade adquiram um pouco mais de conhecimento sobre as origens e aspectos que levam ao crescente número de faltas e comportamento agressivo no gramado, para que também possam atuar de forma eficiente no combate à violência. Com esta finalidade, os tópicos a seguir visam apresentar alguns aspectos sociológicos, psicológicos e jurídicos sobre o assunto.

A Violência no Esporte

Em seu livro *Psicologia do Esporte*, Samulski¹ afirma que nenhum campo social dá uma importância tão grande ao confronto físico como o esporte competitivo. Atletas se valem dos mais diversos recursos, inclusive machucar intencionalmente seus companheiros de profissão com o objetivo de ganhar ou ter sucesso.

Para o promotor público Fernando Capez², responsável pela extinção das torcidas organizadas após o trágico incidente que culminou na morte de um rapaz de 16 anos na final da Supercopa São Paulo de Juniores, em agosto de 1995, “a violência constitui uma das expressões primitivas do ser humano. Em todas as épocas e em todas as sociedades sempre houve violência. No campo desportivo não poderia ser diferente”. (p.XI)

Nota-se a gravidade da questão da

violência no esporte quando nos damos conta de que ela faz parte da própria situação, ou seja, não se trata de algo esporádico, mas, em certos casos, de uma forma de promoção do espetáculo esportivo³.

Porto (apud Balbino et al.)³ suaviza um pouco a situação, esclarecendo que a agressividade inerente ao esporte ocorre dentro de regras e condições específicas, e que nem toda modalidade que exige aplicação de força é necessariamente violenta.

Em Samulski⁴, encontramos menções que seguem a mesma linha e chamam a atenção para o que muitos denominam agressão boa no esporte, ou seja, agressividade bem canalizada - como, por exemplo, buscar uma bola perdida no Voleibol - algo que a Psicologia Esportiva denomina como comportamento assertivo: jogar pelas regras com alta intensidade e ativação, mas sem intenção de lesionar.

Realmente, o esporte moderno, enquanto fenômeno social, não pode ser reduzido a um simples jogo, com realidade própria, conhecimentos específicos, história própria e dissociado do âmbito social e cultural em que se encontra: Balbino³ informa que o esporte como o conhecemos foi produzido sob a forma de jogos pelo povo, apropriado pela adolescência burguesa (no caso do Futebol, conforme veremos adiante, pela adolescência universitária britânica) e devolvido à população sob a forma de espetáculo. Cada um dos segmentos da sociedade se envolve com o esporte de formas diferentes, e qualquer manifestação gerada neste meio, como a agressividade, varia dependendo do significado desta atividade para as pessoas. É importante ressaltar aqui que esse significado também costuma variar entre os próprios atletas ao se considerar seus países de origem, conforme atestam os estudos de Brandão et al.⁵, que apontam para a importância de levar em conta fatores que tenham uma relação direta com as características culturais do meio onde o indivíduo se encontra.

Especificamente sobre o Futebol, Becker Jr.⁶ coloca a modalidade entre os esportes de agressão limitada, onde há confrontos e contatos diretos entre adversários; os choques podem machucá-los, mas as regras

não permitem agressão direta. Parlebas (apud Betti)⁷, situa o Futebol e o Rúgbi nos limites máximos dos indicadores que delinea como base da lógica interna dos esportes: distância de confronto, espaço individual de interação, grau de violência e facilidade de domínio da bola. Portanto, a própria dinâmica dessas modalidades abrigaria um potencial para transgredir as regras.

Apesar de grande parte da sociedade acreditar que o esporte seja um bom meio para controlar e reprimir a violência⁸, servindo como canal aceitável para expressão da mesma, encontramos, em Weinberg & Gould⁸, recomendações para que psicólogos, técnicos e demais profissionais envolvidos com o esporte assumam uma postura neutra para melhor compreender a agressão, ou seja, devem se distanciar emocionalmente da situação, entendendo não somente o ponto de vista do atleta como também o contexto do incidente agressivo para só então buscar soluções para o problema.

As Causas Específicas da Agressão

Samulski¹ também destaca os fatores significativos para a existência de comportamentos agressivos durante eventos esportivos, entre eles o local da partida, importância da mesma, nível de rendimento dos jogadores, placar do jogo, posição e tarefa tática do jogador, comportamento do árbitro, técnicos e torcedores, além da estrutura das regras esportivas.

Essa relação é ampliada por Barreto⁹, que afirma que, de modo geral, a expectativa do jogo, a observação da hostilidade contra um colega, bem como ofensas verbais ou físicas, têm probabilidade de gerar hostilidade nos atletas. Fora isso, o fato de estarem perdendo, associado a agravantes como flutuações emocionais do técnico, da torcida e dos colegas, a percepções do atleta em relação à família, público, treinador e outros podem desencadear comportamentos mais agressivos.

Balbino et al.³ também fazem sua lista de possíveis causas da agressividade no esporte: grande número de participantes na competição, prováveis concorrentes, distância da família e amigos, pressões exercidas por

técnicos, imprensa ou torcida, e, principalmente, a questão financeira.

Note-se que os três autores mencionam a influência do técnico e da torcida, algo a ser levado em consideração no trabalho preventivo das comissões técnicas de equipes de Futebol.

O professor de Educação Física Roberto Ferreira dos Santos¹⁰ analisou 115 jogos de Futebol na Europa, principalmente envolvendo equipes portuguesas, para desenvolver sua tese de doutorado na Universidade do Porto, e identificou que o descontrole dos jogadores violentos, na maioria das vezes, é resultado de três situações: revolta perante um erro e ou identificação de atitude mal intencionada por parte da arbitragem; incapacidade de controlar/desarmar o adversário; e o ambiente circunstancial do jogo.

Já Brohm (apud Balbino)³ identifica entre as causas da agressividade as preparações ritualísticas de determinadas equipes enquanto se dirigem ao estádio, na possibilidade de haver uma movimentação agressiva, que pode partir dos adversários ou ser iniciada pelo próprio grupo, ou mesmo devido à incitação por um membro da equipe esportiva como forma de ativação externa-interna.

Weinberg e Gould⁸ encontraram evidências de que muitos técnicos e atletas acreditam que a agressão melhora o desempenho esportivo, geralmente sob a forma de intimidação dos adversários e conseqüente garantia de maior auto-preservação do agressor e/ou queda de rendimento dos agredidos. Enquanto esse raciocínio de jogo persistir, o índice de violência no gramado tende a aumentar.

A História (da Violência) do Futebol

Há relatos de jogos com bola de bambu envolvendo pés e mãos desde 5.000 a.C. na China e 4.500 a.C. no Japão. Durante o reino de Yang-Tsé, oito jogadores disputavam uma bola feita de couro e recheada com crina de cavalo. Esse jogo evoluiria para o *tsu-chun* (*tsu* = chutar; *chun* = bola de couro) já no império de Cheng-Ti (32 a.C.)¹¹. Na Grécia, em 800 a.C., praticava-se o *epyskiros*, base para o *haspartum* romano, de onde se originaram

inúmeros jogos ocidentais, do Futebol ao Tênis¹¹. O *haspartum*, consistia de duas equipes dispostas em um campo retangular, demarcado por linhas laterais e uma linha divisória central, com o objetivo de levar a bola do jogo para além das linhas adversárias. A bola era passada de jogador em jogador e todo o tipo de truques e trapaças eram aceitos, acompanhados por manifestações bem exaltadas das torcidas¹².

Na Itália, uma derivação do *harpastum* deu origem ao *gioco del calcio*, onde 27 jogadores se esforçavam para fazer uma bola passar entre dois bastões. A modalidade era praticada pela elite e pelo clero. Papas como Clemente VII, Leão X e Urbano VII foram campeões no Futebol de Florença¹¹. Portanto, Karol Wojtila, o papa João Paulo II, que jogou como goleiro em um time na Cracóvia (Polônia), não foi o primeiro sumo pontífice a travar contato com esse esporte.

Esse predecessor do Futebol foi introduzido na Inglaterra em 16 de outubro de 1066 “pelos seguidores de William, o Conquistador, após a Batalha de Hastings, sendo que o jogo era disputado com muita violência”¹¹. A partir do século XIV, já se encontram referências seguras a um jogo de bola chamado futebol, mas o sociólogo alemão Norbert Elias¹³ acredita que a semelhança com o esporte que hoje conhecemos não necessariamente torne o jogo daquela época um antecessor do atual. De qualquer forma, a modalidade criou tantos problemas que o rei Edward II chegou a sancionar um decreto proibindo sua prática em 13 de abril de 1314.

Elias e seu colaborador britânico, Eric Dunning, contam que o jogo popular medieval de Futebol propiciava fricções entre comunidades vizinhas, corporações locais, grupos de homens e mulheres, solteiros e casados: se os temperamentos se exaltavam, as explosões de luta aberta eram praticamente certas. A população aguardava ansiosamente por eventos festivos como casamentos e feriados religiosos como a Terça-Feira de Carnaval para praticar jogos truculentos que lhes serviriam de válvula de escape para a tensão acumulada entre os grupos locais. É claro que nem sempre era possível esperar por uma data comemorativa: em 1579, por exemplo, os dois sociólogos relatam que um grupo de estudantes de Cambridge foi a Chesterton jogar

futebol. Iniciado o jogo e provocados, os jovens reagiram e sucumbiram ante uma surra de bastões estrategicamente escondidos pela equipe adversária no pórtico da igreja local¹⁴.

Os dois autores ainda esclarecem: as tradições populares medievais eram transmitidas oralmente, de geração para geração, pelas massas iletradas. Não havia o costume de se redigir regras de jogos como o Futebol, e os filhos simplesmente jogavam como seus pais haviam jogado antes - ou, pelo menos, como pensavam que jogavam. Sem qualquer documento orientador ou árbitro, as partidas eram disputadas conforme os costumes de cada comunidade e, tanto quanto se sabe, “o caráter do jogo se traduzia num confronto entre grupos diferentes, o prazer da luta era manifesto e espontâneo, a desordem e o nível relativamente elevado de violência física socialmente tolerada eram sempre os mesmos”¹⁴.(p.270) Segundo os sociólogos, mesmo que alguns ossos se partissem no decurso do jogo, ou que alguém morresse por acidente, o povo da região, os camponeses e a pequena nobreza sempre estavam dispostos a realizá-lo¹⁴.

Apesar das várias sanções impostas, a popularidade do jogo fez com que essa versão embrionária do Futebol moderno fosse proibida em Manchester no ano de 1608 devido à grande quantidade de danos a propriedades, principalmente janelas quebradas. O jogo permaneceria duro, violento e desorganizado por 500 anos¹². Até meados do século XVII, o Futebol era uma prática bastante violenta, quando modificações foram introduzidas nos regulamentos para reduzi-la¹⁵. Para Elias e Dunning¹⁵, contudo, esse decréscimo trazia um perigo, pois o jogo poderia perder a emoção. O segredo estaria em “civilizar” a prática, promovendo um elevado nível de disputa não violenta e estabelecendo um equilíbrio que, acredita Betti⁷, o Futebol tem conseguido manter historicamente. As grandes mudanças só viriam no princípio do século XIX, nas famosas universidades e escolas públicas inglesas, instituições de ensino voltadas para a elite burguesa da época e sem o mesmo cunho estatal de nossas escolas públicas.

O artigo “Futebol e Hóquei”¹⁶, publicado na revista norte-americana *Our Young Folks* (“Nossos Jovens”) em abril de 1867 - apenas

quatro anos depois da fundação da Associação Inglesa de Futebol - narra os eventos que levaram à criação e unificação das regras entre universidades e escolas públicas: “Consideremos o Futebol, um jogo tido em alta estima pelos estudantes ingleses e disputado com muito ardor, para não dizer com fúria, na estação invernal do ano. Ele não é confinado a um determinado número (de jogadores), como o Críquete e o Beisebol, nos quais há no máximo treze jogadores atuantes de cada vez. No Futebol, pode haver trinta deles, ou duas vezes esse número, se assim o desejarem; e as grandes escolas afirmam que, em relação ao número de jogadores, quanto mais, melhor”¹⁷(p.239).

As colocações do artigo norte-americano são confirmadas por Gerhardt¹²: o recém-nascido Futebol e o Rúgbi do século XIX eram versões suavizadas de seus antepassados, estes mais desorganizados, mais violentos, mais espontâneos e disputados por um número indefinido de jogadores. Frequentemente, as partidas se tornavam desafios acalorados entre vilas inteiras, tendo como campo ruas, praças e descampados que incluíam cercas e riachos; valia praticamente de tudo, inclusive chutar adversários para derrubá-los. O tamanho e o peso da bola eram indefinidos.

Com tanta “flexibilidade”, é natural que a prática levasse a conflitos - e sérios. O artigo da “*Our Young Folks*”¹⁶ relata que, em jogos de vilas contra vilas, homens participavam de disputas desesperadas, verdadeiras batalhas campais. Os vencidos frequentemente apelavam para o uso dos punhos, e o tumulto só se dispersava com a chegada de magistrados e a leitura do *Riot Act*, lei inglesa que coíbe distúrbios em público. Os articulistas comparam o Futebol a outros esportes, acusando a então nova modalidade de despertar violência: grandes inimizades surgiam nas partidas entre vilas. O jogo era de natureza emocional, que despertava reações mais fortes do que em qualquer outra atividade recreativa, e as desavenças resultantes não podiam ser atribuídas à rivalidade existente entre vizinhos. As mesmas comunidades jogavam críquete entre si, mas esse esporte nunca as levou a brigar.¹⁷

Juntando-se a isso o fato de que, na

zona rural, fazendeiros acreditavam que pilhagens e invasões a propriedades eram planejadas durante partidas de Futebol, o esporte passou a ter má-fama. Mesmo assim, ainda segundo a revista “*Our Young Folks*”¹⁶, ele foi acolhido e disputado com orgulho pelas escolas públicas inglesas.

Finalmente, em 1823, nasceu o *football* moderno, a partir do *hurling* e do *rugby*. Em 1848, houve uma primeira tentativa de unificação de regras entre as universidades de Cambridge, Harrow, Westminster, Winchester e Elton. Na época, eram 14 regras; depois, surgiram o impedimento, o árbitro, o goleiro como único jogador autorizado a utilizar as mãos, o arremesso lateral, escanteio, pênalti e a troca de lado na metade do tempo (antes, trocava-se após cada gol)¹¹. Somente em 1863 as universidades realmente uniformizaram as regras, justamente quando ficou proibido derrubar o adversário, bem como passar rasteiras ou chutar canelas - antes disso, era permitido chutar a perna do oponente do joelho para baixo. No dia 26 de outubro daquele ano, onze clubes e escolas de Londres se reuniram na *Freemason's Tavern* (Taverna Maçom), iniciaram discussões e estipularam regras que, oficialmente a 8 de dezembro, marcaram em definitivo a cizânia entre o Futebol e Rúgbi, modalidade que optou por permitir embates mais truculentos¹¹.

A partir daí, o esporte se espalharia pelo mundo. Também em 1867, a América do Sul ganha seu primeiro clube, o Buenos Aires Football Club; em 1883, é fundada a *International Football Association Board*, com a finalidade de uniformizar as regras¹¹, que, conforme Betti⁷, pouco mudaram do século XIX até hoje, o que facilita o estudo da violência desse esporte ao longo dos tempos.

Apesar da tradicional referência à chegada de Charles Miller e as duas primeiras bolas oficiais da modalidade em 1894, pesquisadores e estudiosos colocaram em dúvida a época exata do início de sua prática no Brasil: encontrou-se registros onde a Câmara Municipal de São Paulo proíbe o “Jogo da Bola” em 1746, pois era “causador de desordem e agrupamento de vadios”¹¹ (p.26).

Em 21/05/1904, surge a FIFA e, através dela, comprova-se a meteórica ascensão da popularidade do Futebol: hoje, a entidade possui

mais associados que a ONU¹¹.

Mesmo com a uniformização de regras e o surgimento da FIFA, a História mostra que o Futebol não conseguiu se livrar da mácula da violência: seja em eventos como a famosa “Batalha de Berna”, na Copa de 1954, quando jogadores das seleções brasileira e húngara tiveram bem mais contato do que as regras do *International Board* permitem; seja na “Batalha de Santiago”, entre Itália e Chile em 1962, outro exemplo de violência em campo¹⁸. O fato é que, mesmo na elite do Futebol mundial, os problemas gerados pela agressividade se perpetuaram. Foi justamente devido a um incidente ocorrido durante uma Copa do Mundo - a da Inglaterra, em 1966 -, que surgiram os cartões amarelo e vermelho. Yallop¹⁸ conta que, em uma das semifinais do evento, os jogadores da Argentina contiveram os ingleses sistematicamente através de faltas. Pouco antes do fim do primeiro tempo de jogo, as atitudes antidesportivas dos sul-americanos atingiram seu ápice. Rattin, capitão da Argentina, reclamou veementemente contra a anotação do nome de um companheiro no caderninho do árbitro da partida, o alemão Kreitlein, que acabou expulsando-o de campo. Kreitlein não entendeu nada do que o atleta disse. O problema foi que Rattin se recusou a deixar o campo. Após dez minutos de discussão, o jogador argentino Albrecht tentou convencer seu time a se retirar do campo, juntamente com seu capitão. Para o resto do mundo, a expulsão de Rattin foi uma das maiores injustiças da história das Copas. Esse incidente contribuiu para a criação dos cartões amarelo e vermelho, a fim de evitar problemas de comunicação entre árbitro e jogadores que não falam a mesma língua¹⁸.

Dos anos 60 para cá, uma série de medidas tomadas pela FIFA e o *International Board*, como, por exemplo, o incentivo ao *fair play* (jogo limpo), visaram a redução do problema. Na Copa do Mundo de 1990, por exemplo, a entidade máxima do Futebol mundial tomou diversas medidas para coibir a violência, entre elas multas em dinheiro para jogadores punidos com cartão e (nova) recomendação para que os árbitros punissem com rigor as jogadas desleais¹⁸. Contudo, há fortes indícios de que não basta apenas mudar as regras do jogo e fazer com que estas sejam cumpridas rigorosamente: após essa importante (e ainda

aguardada) intervenção externa ao jogador, faz-se necessário trabalhar internamente com ele, através do treinamento psicológico e da exigência disciplinar por parte da comissão técnica.

Um Pouco de Sociologia: Entendendo Melhor a História

O sociólogo alemão Norbert Elias¹³ observa que a História dos sociólogos não é a mesma que a dos historiadores. Nos livros, a história dos desportos costuma ser apresentada como uma série de atividades e decisões quase acidentais de algumas pessoas. Segundo ele, o problema de como e por que se desenvolveram regras para os esportes é um exemplo de como a Sociologia pode contribuir para a melhor compreensão dos dados históricos: o estudo estático das regras, como algo definitivamente adquirido, costuma conduzir a interpretações irreais da sociedade¹³.

O autor também aponta um erro comum quando se tenta afirmar que os esportes modernos são a restauração de um movimento similar na Antiguidade, especificamente na Grécia, criando lendas ideológicas utilizadas inocentemente para fortalecer a unidade de um movimento repleto de tensões e conflitos: “muitos dos escritos relevantes de hoje apresentam uma forte tendência para minimizar as diferenças e aumentar as similaridades [entre a sociedade grega clássica e a sociedade contemporânea]. O resultado é um quadro distorcido de nós próprios, bem como da sociedade grega”¹⁹.(p.195)

O sociólogo cita Mezoie para demonstrar o quanto as tradições helênicas não eram tão pacíficas quanto se pode levar a crer: os lutadores do pancrácio podiam arrancar os olhos dos adversários, obstruir, agarrar os pés, narizes e orelhas, aplicar estrangulamentos. No caso de conseguirem derrubar o outro, podiam sentar-se sobre ele e bater na cabeça; também podiam dar pisões e pontapés¹⁹.

Avançando em sua linha de raciocínio, o autor alemão busca provar que não devemos nos surpreender com a brutalidade presente nos jogos e disputas da Antiguidade Clássica, Idade Média ou mesmo de qualquer outra época: as atividades lúdicas e passatempos costumam refletir exatamente o grau de agressividade do

estágio em que determinada sociedade se encontra. Usando novamente a Grécia como exemplo, ele explica que, nas cidades-estado como Atenas e Esparta, os bebês fracos ou deficientes eram abandonados à própria sorte para morrer; se alguém fosse assassinado ou mutilado, cabia à família investigar o caso e se vingar do culpado. Enfim, o nível de violência na época era bem mais elevado que o atual - ou mesmo que o da Idade Média, época em que surgiram os jogos-embriões do Futebol moderno¹⁹.

Os homens demonstravam sua força física, agilidade e resistência através de vitórias em grandes festivais competitivos, dos quais o de Olímpia era o mais famoso, com o intuito de adquirir elevada posição social e política. Milon de Crotona, o lutador mais famoso da Antiguidade Clássica, era comandante do exército de sua cidade natal e promoveu a furiosa matança dos sibaritas - após os inimigos já estarem derrotados. Pensadores e filósofos como Ésquilo, Sócrates e Demóstenes passaram por duras escolas de combate, e Platão chegou a vencer alguns festivais atléticos. Resumindo, não é possível compreender o nível de civilização nas competições de jogos se este não for relacionado com o nível geral de violência socialmente permitida¹⁸.

Chegando à Idade Média, o sociólogo alemão se alia a Eric Dunning para ajudar a enxergar melhor o contexto em que “nasceu” o Futebol. A dupla explica que havia freqüentes erupções de violência não institucionalizada naquele período, e que o Futebol era uma delas. O povo da Grã-Bretanha pré-industrial desfrutava de todo tipo de passatempos agressivos: rinhadas de galos, duelos de touros, queimas de gatos vivos em cestos, assistir execuções públicas como quem vai ao cinema hoje em dia. Dada a tensão acumulada entre grupos rivais existentes naquela sociedade, não soa tão estranho que estes esperassem pelos dias santos e feriados para se envolverem em jogos que eram, na verdade, verdadeiros conflitos rituais: o futebol da Terça-Feira de Carnaval, por exemplo, era uma disputa violenta entre vizinhos que, hoje em dia, seria considerada inconcebível e inaceitável¹⁴.

Elias¹³ acredita que a desportivização dos jogos populares está intimamente ligada à

industrialização e urbanização da sociedade: quanto mais esta precisa de regras e autocontrole para se organizar e progredir, o mesmo processo se dá com o aproveitamento de tempo livre. Nos séculos XVIII e XIX, os jogos desportivos atingiram um nível de ordem e disciplina nunca atingidos até então, e as regras estipuladas definiam os limites da violência autorizada, inclusive se a força física pode ser totalmente aplicada. Para ele, é difícil acreditar que seja mera coincidência o fato de que os passatempos violentos e pouco regulamentados dos proprietários de terras ingleses tenham ficado menos violentos e mais disciplinados justamente na época em que essa classe social renunciou à agressividade em termos políticos para promover uma rotação de poder benéfica à toda elite no Parlamento Inglês.

Levando em conta o grau de agressividade presente nas sociedades de cada época, Elias¹³ conclui que o esporte é uma das maiores invenções sociais realizadas sem planejar. Oferece às pessoas a excitação libertadora de uma disputa que envolve esforço físico e destreza, enquanto diminui seriamente a possibilidade de alguém se ferir gravemente durante sua prática¹³.

Psicologia & Sociologia

A massificação e a comercialização têm sido apontadas por sociólogos como a origem estrutural de comportamentos desviantes no esporte, como a violência, doping, fraude etc⁷.

Reforçando a teoria de “reflexo da sociedade”, que acaba de ser esclarecida por Elias e Dunning no tópico anterior, o professor Luiz Felipe Baeta Neves Flores²⁰, pós-doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Sorbonne (França), vai ainda mais longe, ao afirmar que a violência é intrínseca à vida social, ressaltando que, sem ela, a vida social seria impensável, histórica e logicamente.

O psicólogo Volkamer chegou à conclusão de que as equipes esportivas são versões reduzidas da sociedade, com as frustrações, recompensas e interações inerentes aos grupos sociais⁹.

Palomino²¹ recorre a um general prussiano e ao pai da Psicanálise para tentar explicar tanta agressividade nos gramados.

Para ele, o embate entre duas equipes é uma oportunidade de realizar a guerra sob outras formas, em conformidade com o que dizem Clawsewitz e Freud: trata-se de um espaço imaginário no qual operam a identificação com o grupo e a possibilidade virtual de matar o próximo. Evidentemente, não se trata de uma morte real, pois esta pode ser renovada a cada partida.

Singer (apud Balbino et al.)³ reforça que o esporte é como uma guerra, citando o jogo de futebol americano, em que os combates deixam de ser imaginários e passam a ser reais. Betti⁷ vê a situação da mesma forma e denuncia que a repetição obsessiva de jogadas violentas na televisão, aliada à linguagem “guerreira” da mídia, amplifica o falso drama que se vive no gramado. Em seu livro *Violência em campo*, o autor reproduz uma preciosa declaração de Tata, então técnico da Portuguesa de Desportos ao jornal *Gazeta Esportiva*⁷: “A nossa munição ainda não terminou. Estamos na guerra bem municiados, lutando contra os inimigos, mas tudo com muita cautela para não sermos alvejados novamente. Daqui para a frente, vai valer tudo e acredito na força do nosso exército”. (p.120)

Talvez essa teoria possa ser corroborada por termos esportivos como atacar, defender, tática e estratégia, que se originam no exército. O técnico Luiz Felipe Scolari consultou com frequência os ensinamentos do milenar Sun Tzu em *A Arte da Guerra* durante a campanha do pentacampeonato brasileiro na Coreia e no Japão²². Já na obra de Tzu²³, encontram-se capítulos intitulados com temas muito conhecidos do mundo esportivo: preparação dos planos, táticas, energia, pontos fracos e fortes, manobras, variação de táticas, terreno...

Para Dunning²⁴, todos os esportes são competitivos por natureza e conduzem à agressão e violência. Para o autor inglês, modalidades como o Futebol, o Boxe e o Rúgbi constituem oportunidades de expressão da violência física socialmente aceitável. O sociólogo ainda estabelece quesitos para traçar toda uma tipologia da violência, distinguindo-a através dos meios utilizados, motivos e intenções dos autores, e parâmetros sociais que ajudam a distinguir uma forma de violência de outra.

Em suas pesquisas, Betti⁷ afirma que as “explicações” encontradas pela mídia tendem pouco ao nível sociológico (interesses financeiros, por exemplo) e muito ao psicológico, culpando jogadores por desequilíbrio emocional e árbitros por complacência.

Considerando a literatura consultada, pode-se dizer que, basicamente, há duas grandes vertentes psico-sociais para explicar a violência nos esportes, ora opostas, ora complementares: a primeira, o *argumento da paixão*, psicológica e interna, na qual os esportes despertam emoções que fazem com que os atletas percam a noção entre simbolismo e realidade, lamentavelmente concretizando a guerra simulada dos desportos; a segunda, o *argumento do espelho da sociedade*, que mais se aproxima das propostas de Norbert Elias e Eric Dunning: sociológica e externa, apregoando que o esporte, como aspecto integrante da sociedade humana, não escapa às qualidades e defeitos nela presentes - não importa a época.

Portanto, não seria absurdo chegar à conclusão de que a violência, em modalidades como o Futebol, requer soluções tanto externas quanto internas aos atletas.

Uma Curiosidade: o Que diz a Lei?

Fernando Capez, promotor público responsável pela extinção das torcidas organizadas após o trágico incidente que culminou na morte de um rapaz de 16 anos na final da Supercopa São Paulo de Juniores, em agosto de 1995, dá sua visão sobre como a Lei enxerga a questão da violência nos esportes e suas conseqüências. Segundo ele, a violência associada ao desporto sempre existiu e, nos últimos anos, vem despertando a necessidade de que se incrementem e aprofundem os estudos a respeito do assunto².

Para o promotor, o tema, apesar de relevante, carece de visão quanto à natureza jurídica e suas conseqüências nesse âmbito. Em seu livro *Consentimento do ofendido e violência desportiva*, ele levanta uma série de questões pertinentes a este estudo: se alguém concorda em participar de um esporte e vem a morrer em decorrência dos riscos normais inerentes à sua prática, qual a conseqüência? O fato deve ser investigado pela polícia e posteriormente levado aos tribunais? A polícia

deve interromper uma partida de Futebol para prender em flagrante um atleta que realiza uma jogada violenta e desleal, ferindo gravemente seu colega de profissão? Até que ponto o direito penal pode interferir preventiva e repressivamente, limitando a liberdade desportiva?²

O autor lembra a existência da justiça desportiva, mas esclarece que esta possui autonomia administrativa exclusivamente sobre questões meramente técnicas ou de disciplina regulamentares, tais como invalidação de partidas, cassação de pontos, inversão de mando de campo ou mesmo punições de atletas. Contudo, no que se refere aos às infrações previstas por lei, nem se cogita deixá-las sob a jurisdição de tribunais desportivos, sendo perfeitamente cabíveis as prisões em flagrante, inquéritos e processos - mas a violência esportiva não tem relevância penal quando inserida em um contexto de tolerância social e desde que não contrarie a moral e os bons costumes locais².

O promotor caracteriza o Futebol como um esporte de violência eventual, diferenciando-o das modalidades com violência direta e necessária, como o Boxe e as artes marciais, sendo que todo jogador consente numa redução de seu nível de segurança ao praticá-lo, colocando-se numa situação de risco inerente à partida. A escolha é clara: ou o atleta se expõe aos perigos naturais do esporte ou não exerce a modalidade². Portanto, são irrelevantes para a esfera criminal todas as lesões corporais que se originem em disputas normais da prática regular do Futebol. Para o autor, "carrinhos" e cotoveladas são ocorrências perfeitamente previsíveis e encontram-se dentro dos riscos normais do jogo. Todavia, não se toleram lesões com origens alheias ao âmbito da modalidade, pois estas não são abrangidas pela aceitação tácita dos riscos de se jogar Futebol - o que o Direito chama de consentimento do ofendido.

Por fim, para que se abra um processo na esperança de condenar judicialmente um desportista violento, é necessário que o caso se enquadre dentro de uma imputação objetiva, onde é necessário que haja uma série de fatores normativos, entre eles o conflito entre a conduta do atleta e os valores sociais; a atuação desse atleta fora do papel social que se espera dele; e a criação de um risco intolerável ao bem jurídico

(leia-se, no caso, integridade física do outro praticante), seja agravada pela imputação subjetiva, ou seja, intencionalidade - dolo ou culpa².

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diversas ciências, cada uma à sua forma e sob seu prisma, buscam identificar as origens e motivos da violência no Futebol. Quem se concentra apenas na Psicologia, por exemplo, se depara com não apenas uma, mas quatro teorias que explicam a agressividade humana: a dos instintos e impulsos, frustração-agressão, aprendizagem social e frustração-agressão revisada^{4,9}. Não existe, mesmo em que apenas uma ciência, um consenso sobre essas origens e motivos: a violência é um tema complexo e, no campo do esporte, possui escassa literatura. No Futebol, ainda mais rara.

Contudo, essa complexidade não deve ser motivo de inatividade profissional ou científica no sentido de solucioná-la. A escassez identificada deve ser, ao longo do tempo, substituída por pesquisas e obras que venham a contribuir com soluções ou, no mínimo, teorias que venham a identificar o fenômeno, pois conhecer o problema é o passo que antecede a solução eficiente.

Nos tópicos analisados, pôde-se ver que, psicologicamente, uma série de fatores internos ao atleta, bem como externos, ambientais, influi em sua tomada de decisão ou contribui para o comportamento agressivo. A história do Futebol, analisada sob o prisma da violência, serve de base para se analisar como essa questão evoluiu junto à sociedade com o passar dos séculos. É inegável que a violência bruta foi se atenuando e/ou assumindo outras formas desde a pré-História da Humanidade. Enquanto Elias e Dunning¹⁴ chamam a atenção para o fato de que a violência no esporte e lazer é um reflexo da sociedade no exato momento em que ela se encontra, Palomino²¹ observa que os esportes coletivos, entre eles o Futebol, são formas simuladas e simbólicas de se guerrear. Juridicamente, pôde-se atestar como nossa sociedade entende, através de suas leis, a violência em campo, quadra ou qualquer outro ambiente esportivo: o atleta que lesionar intencional e premeditadamente seu colega de profissão, indo contra a conduta considerada

padrão na sociedade esportiva pode, sim, ser processado judicialmente.

Analisando as teorias psico-sociais identificadas anteriormente, então, sugere-se um trabalho duplo: o primeiro, interno aos clubes, no que se refere à intervenção psicológica e disciplinar, e o segundo, externo, no tocante à criação de regras que levem os atletas a atuar da mesma forma que quando estão sob a ameaça de levar um segundo cartão amarelo na partida e serem expulsos, ou receberem o terceiro em determinado momento da competição e ficarem fora de um jogo importante.

A mudança de regras deve ser efetiva, acompanhando a evolução dinâmica do Futebol, em um sistema que valorize atletas como o paraguaio Gamarra, que passou quatro jogos da Copa do Mundo de 1998 sem cometer uma única falta.

É importante categorizar os tipos de falta e elaborar uma legislação que, a exemplo do Basquetebol, afaste o jogador que cometa determinado número de faltas, criando, nesse caso, a possibilidade de que ele seja substituído por um integrante do banco de reservas. Não se pretende aqui, sugerir punição radical a todo o tipo de faltas, como, por exemplo, tocar a bola com as mãos, puxar a camisa do adversário ou recuar a bola para o goleiro, mas faz-se necessário prestar atenção especial às jogadas que lesionam e afastam jogadores do gramado temporária ou definitivamente, além de levarem a uma demonstração cada vez menor das habilidades individuais.

Talvez assim os atletas mais técnicos possam jogar sem serem “punidos” por sua habilidade, com menos lesões e maior longevidade esportiva.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. Samulski DM. Psicologia do esporte: teoria e aplicação prática. Belo Horizonte: Imprensa Universitária/UFMG; 1992.
2. Capez F. Consentimento do ofendido e violência desportiva: reflexos à luz da teoria da imputação objetiva. São Paulo: Saraiva, 2003.
3. Balbino F, Miotto AM, Santos RVT. dos. A agressividade no esporte. In A.A. Machado, organizador. Psicologia do esporte: temas emergentes I. Jundiaí: Ápice; 1997. p.81-108.
4. Samulski DM. Psicologia do esporte: manual para a Educação Física, Psicologia e Fisioterapia. São Paulo: Manole; 2002.
5. Brandão MRF, Casal HMV, Machado AA, Rebutini F, Agresta M, Ribeiro FA. Futebol, esporte internacional e identidade nacional. Estudo 1: uma comparação entre Brasil & Japão. Revista Brasileira de Ciência e Movimento, 2003; v.12, 1, 57-61.
6. Becker Jr B. Manual de psicologia do esporte & exercício. Porto Alegre: Novaprova; 2000.
7. Betti M. Violência em campo: dinheiro, mídia e transgressão às regras no futebol espetáculo. Ijuí: Unijuí; 1997.
8. Weinberg RS, Gould D. Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício. 2.ed. (Monteiro MC, trad.). Porto Alegre: Artmed; 2001.
9. Barreto JA. Psicologia do esporte para o atleta de alto rendimento. Rio de Janeiro: Shape; 2003.
10. Santos RF dos. A violência no futebol português: uma interpretação sociológica a partir da concepção teórica de processo civilizacional. [Tese de Doutorado - Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências do Desporto e de Educação Física]. Porto (Portugal): Universidade do Porto; 1996.
11. Leal JC. Futebol: arte e ofício. Rio de Janeiro: Sprint; 2000.
12. Gerhardt W. More than 2000 years of Football. Disponível em: <<http://www.fifa.com/history>> [2004 out 11]
13. Elias N. Ensaio sobre o desporto e a violência. (Silva MMA, trad.). In Elias N, E. Dunning organizadores. A busca da excitação. Lisboa: Difel; 1992. p. 223-256.
14. Elias N, Dunning E. O futebol popular na Grã-Bretanha medieval e nos inícios dos tempos modernos. (Silva MMA, trad.). In Elias N, Dunning E, organizadores. A busca da excitação. Lisboa: Difel; 1992. p. 257-278.
15. Elias N, Dunning E. A dinâmica dos grupos desportivos - uma referência especial ao futebol. (Silva MMA, trad.). In Elias N, Dunning, E, organizadores. A busca da excitação. Lisboa: Difel; 1992. p. 279-297.
16. Foot-ball & Hockey. Our Young Folks 1867; 4; 239-240.
17. Ximenes SB (2004). O futebol na terra do Tio Sam: a violenta pré-história do esporte. Disponível em <<http://www.palavrascruzadas.com>> [2004 out 17].
18. Yallop DA. Como eles roubaram o jogo: segredos dos subterrâneos da FIFA. (Jungmann R, trad.). Rio de Janeiro: Record; 1998.

19. Elias N. A gênese do desporto: um problema sociológico. (Silva MMA, trad.). In Elias N, Dunning E, organizadores. A busca da excitação. Lisboa: Difel; 1992. p. 188-220.
20. Flores LFBN. Universo do Futebol-Esporte e Sociedade Brasileira. Rio de Janeiro: Edições Pinakothek, 1982.
21. Palomino H. Sobre la violencia en el fútbol. Disponível em <<http://www.efdeportes.com>> [2002 mai 18].
22. Monzillo M. Mestre chinês faz a cabeça de Felipão. Istoé Gente, 2002;150:76.
23. Tzu S. A arte da guerra. 30. ed. (Sanz J, trad.). Rio de Janeiro: Record; 2002.
24. Dunning E. As ligações sociais e a violência no desporto. (Silva MMA, trad.). In Elias N, Dunning E, organizadores. A busca da excitação. Lisboa: Difel; 1992. p. 327-354.

Endereço para correspondência:

Mario Luiz C. Barroso
Caixa Postal 5.231
Ag. Cidade Universitária - Trindade
Florianópolis - SC
CEP: 88.040-970
E-mail: mario@m17.com.br

Recebido em 31/08/04

Revisado em 08/11/04

Aprovado em 03/12/04